

Curitiba e a Música Nova: I SiMN – Simpósio Internacional de Música Nova e Computação Musical¹

Valéria Bonafé²

Quando comecei meu curso de graduação na USP, em 2002, minha percepção era a de que apenas São Paulo e Rio de Janeiro mantinham eventos regulares e de grande porte dedicados à música contemporânea, mais especificamente, o Festival Música Nova (SP) e a Bienal de Música Brasileira Contemporânea (RJ). Não sei se, de fato, havia ou não outros eventos similares acontecendo Brasil afora. Talvez esta percepção fosse resultado da minha condição particular de uma paulistana nascida e criada na capital do estado. De todo modo, nos anos seguintes, percebi uma modificação gradual neste cenário. Observei com atenção um feliz processo de despolarização do circuito SP-RJ, no que se refere à pesquisa e produção de música contemporânea: novos cursos universitários espalhados pelo país (em nível de graduação e pós-graduação) e cursos mais antigos se fortalecendo com a abertura de mais vagas e com a entrada de novos professores; formação de grupos de pesquisa na área, vinculados às universidades e com financiamento público; consolidação de diversos conjuntos e coletivos (independentes ou ligados às instituições públicas e privadas) dedicados à criação e execução de música nova em quase todos os estados; surgimento de mostras e festivais locais ou itinerantes; e por aí vai.

A primeira vez que estive em Curitiba foi em 2005, durante o III ENCUn – Encontro Nacional de Compositores Universitários. O ENCUn havia sido criado em 2003 por um grupo de estudantes da Unicamp e, em sua terceira edição, foi organizado por alunos da UFPR. Gostei muito do que vi por lá: uma turma de composição engajada, produzindo bastante. Nos anos seguintes não tive outras oportunidades de voltar à cidade mas acompanhei à distância a criação da Bienal Música Hoje, inaugurada em 2011 e com segunda edição prevista para este ano. Durante esse tempo, também me mantive informada sobre o crescimento da Orquestra Filarmônica da UFPR, conduzida pelo compositor e regente Márcio Steuernagel, que tem inserido frequentemente o repertório da música nova em sua programação. Depois de sete anos, finalmente retornei à Curitiba para participar do I SiMN – Simpósio Internacional de Música Nova e Computação Musical, e conferir de perto este

¹ Resenha do evento *I SiMN – Simpósio Internacional de Música Nova e Computação Musical*. 2012, Curitiba PR.

² Mestre em Musicologia e Bacharel em Composição pela Universidade de São Paulo, estudou com Aylton Escobar e Silvio Ferraz. Atualmente realiza seu doutorado nesta mesma instituição, sob orientação de Marcos Branda Lacerda, com apoio da FAPESP. Contato: valmcb@uol.com.br

efervescente cenário musical de Curitiba.

O SiMN é mais um dos novos eventos que passa a fazer parte da agenda da música contemporânea no país. Ele integra um projeto mais amplo de consolidação de uma programação curitibana de atividades relacionadas à pesquisa e à produção de música nova. Este projeto tem sido construído pelo Grupo de Pesquisa Núcleo Música Nova (<http://www.nucleomusicanova.com>), composto por professores, pesquisadores e alunos da EMBAP, UFPR, FAP, UFMG, UFPel e University of Victoria (Canadá). A primeira edição do SiMN aconteceu entre os dias 3 e 5 de dezembro de 2012 e teve a direção artística do compositor Felipe de Almeida Ribeiro, professor recém-chegado na EMBAP – Escola de Música e Belas Artes do Paraná.

A programação do I SiMN foi bastante concentrada. Em três dias, aconteceram: palestras sobre composição, com Dániel Péter Biró (University of Victoria, Canadá) e Rodolfo Coelho de Souza (USP), que apresentaram algumas de suas peças e seus processos composicionais; workshops nas áreas de computação musical e técnicas de gravação, com James Corrêa (UFPel) e Ulisses Galetto (UFPR), respectivamente; sessões de leitura, com o flautista Fabrício Ribeiro (Orquestra Sinfônica do Paraná) e com o violista Ralf Ehlers (Arditti Quartet); um masterclass de viola com Ralf Ehlers; uma mesa redonda sobre a produção de música nova no ambiente universitário, com James Corrêa, Rodolfo Coelho de Souza, André Egg (FAP) e Felipe de Almeida Ribeiro; sessões do Fórum Jovens Compositores, com apresentações de trabalhos de dez compositores; e concertos dedicados ao repertório dos séculos XX e XXI (dois instrumentais e um acusmático), incluindo estreias de peças encomendadas pelo SiMN.

Durante o I SiMN, todas as atividades eram abertas ao público, com exceção das sessões de leitura para as quais foi realizada uma seleção prévia para alunos ativos (o acesso era livre para ouvintes). Os interessados em participar como alunos ativos deveriam submeter uma partitura representativa do seu trabalho. Neste processo, dez compositores foram selecionados, sendo seis brasileiros – Daniel Vargas, Igor Maia, Ivan Simurra, Rodrigo Meine, Tadeu Taffarello e eu – e quatro estrangeiros – Hiroki Tsurumoto (Japão), Bastien Saxel (Uruguai), Marcelo Villena (Argentina) e Rodrigo Tascón (Espanha). Os compositores tiveram cerca de um mês para escrever as peças que foram enviadas aos intérpretes com cerca de vinte dias de antecedência. Assim, a sessão de leitura não se tratava de uma *primeira* leitura. Porém, também não se tratava de um concerto com peças prontas. Este meio termo foi muito bom pois, por um lado os intérpretes já estavam familiarizados com as peças, mas por outro, muitos aspectos da execução ainda estavam em aberto para serem discutidos com os compositores. Durante as sessões, cada compositor teve cerca de 30 minutos para trabalhar com o intérprete. O tempo era suficiente para uma execução inicial da peça, uma revisão de aspectos técnicos dirigida pelo intérprete, experimentações de diferentes soluções propostas pelo intérprete ou pelo compositor, modificações na partitura e, finalmente, uma execução final. As sessões foram gravadas com excelente qualidade e todos os compositores receberam posteriormente o áudio completo dos seus trabalhos.

As sessões de leitura foram o ponto alto do SiMN. A possibilidade de desenvolver um trabalho laboratorial em conjunto com intérpretes de altíssima capacidade técnica e musical (algo que deveria integrar nossa experiência cotidiana) é ainda algo raro para quem trabalha com composição instrumental no país. Mas, além de excelentes músicos, os compositores encontraram nas sessões de leitura duas pessoas admiráveis. Tanto Fabrício Ribeiro quanto Ralf Ehlers foram extremamente receptivos e respeitosos com todos os compositores. Mais do que isso, eles estavam realmente animados, comprometidos e não pouparam esforços com nenhuma das peças. E é claro que, sabendo de antemão para quem escreviam, os compositores também não haviam poupado esforços: as peças

eram exigentes. Trabalhei com o violista Ralf Ehlers, de quem eu recebi excelente tratamento. Disposto e interessado em compreender e executar a peça da melhor forma possível, fez perguntas, ofereceu soluções, ouviu sugestões, fez e refez. Também fiquei impressionada com sua capacidade de responder imediatamente às modificações feitas durante a sessão de leitura. Um músico cujo profissionalismo é assombroso.

Todos os compositores selecionados para as sessões de leitura foram convidados para participar do Fórum Jovens Compositores. O Fórum foi dividido em três sessões, distribuídas ao longo da programação. A proposta do Fórum era a de criar um espaço formal para troca de ideias entre os compositores participantes. Algo parecido com o formato de comunicações em congresso científico porém, ao invés de artigos, apresentavam-se composições (áudios, vídeos, rascunhos, partituras etc.). Cada compositor tinha um espaço de 30 minutos para apresentar uma peça de sua autoria e realizar comentários sobre ela. O formato da apresentação era livre. Alguns optaram, por exemplo, por descrever de maneira global qual havia sido o projeto criativo da peça, comentando suas referências composicionais, eventuais cruzamentos com elementos extramusicais etc.; outros optaram por focar no processo de composição, esclarecendo estratégias e técnicas utilizadas. Cada compositor tinha a liberdade de selecionar os tópicos que achasse interessante discutir com os colegas. Assim, após a apresentação, abria-se espaço para perguntas e comentários. Acompanhando o que se percebia também nas sessões de leitura, a pluralidade de projetos artísticos tornou o Fórum bastante rico. As sessões do Fórum Jovens Compositores foram coordenadas pelos professores Dániel Péter Biró, Rodolfo Coelho de Souza e James Corrêa.

As atividades diárias do SiMN eram encerradas com a apresentação de um concerto. O primeiro deles foi realizado na Capela Santa Maria. Ao violão, Fábio Scarduelli apresentou peças de Edson Tadeu Ortolan e Almeida Prado. À flauta, Fabrício Ribeiro apresentou peças de Varèse, Berio e Jolivet, e estreou *Furnas* (2012), de Felipe de Almeida Ribeiro, para flauta alto e piano ressoador. O segundo concerto aconteceu na EMBAP e foi dedicado à música eletroacústica, com difusão de James Corrêa. O programa teve início com Jonathan Harvey (UK), e seguiu com peças produzidas nos últimos quinze anos, dos compositores Dante Grela (Argentina), Cort Lippe (EUA), Steven Takasugi (EUA/Japão), e do próprio James Corrêa. O violista Ralf Ehlers realizou o concerto de encerramento do SiMN na Caixa Cultural Curitiba. O repertório misturava peças de referência para a escrita de viola solo da segunda metade do século XX (*Sequenza VI* de Luciano Berio, *Tre noturni brillanti* de Salvatore Sciarrino, e *Prologue* de Gerard Grisey) e estreias de peças encomendadas pelo SiMN, compostas em 2012: *Ruínas onde nunca estarei* de Felipe de Almeida Ribeiro, *Pontos e linhas, entre planos* de Rodolfo Coelho de Souza, e *Salvim*, do húngaro Dániel Péter Biró. Os dois primeiros concertos tiveram um público praticamente restrito aos participantes do SiMN, somando alguns alunos e professores da EMBAP. Já o concerto de encerramento reuniu cerca de 80 pessoas no teatro da Caixa Cultural, agregando um público mais diversificado e ampliando a movimentação cultural provocada pelo SiMN na cidade.

O SiMN foi um excelente evento. Além da qualidade da programação, a produção executiva foi muito bem conduzida: o cronograma foi bem estruturado e os horários foram rigorosamente respeitados; os espaços escolhidos ofereciam a infraestrutura necessária e eram próximos uns dos outros, facilitando o deslocamento na cidade; finalmente, a organização prestou todo suporte aos participantes (desde o auxílio com hospedagem até necessidades técnicas individuais), sempre de forma atenciosa e cordial.

O SiMN começou com tudo.